

INTERVENÇÃO DE CARLOS LAGE NA SESSÃO DE APRESENTAÇÃO DO “PÓLO DE COMPETITIVIDADE E TECNOLOGIA DAS INDÚSTRIAS DA MODA” – HOTEL SHERATON PORTO | 9 DE JUNHO DE 2008

No momento em que a economia portuguesa atravessa grandes dificuldades e em que o espaço mediático e político é dominado pelas ansiedades e alegrias efémeras do futebol e pelos problemas, preocupações e conflitos de ordem social, com as questões sem dúvida pertinentes da redistribuição da riqueza, hoje aqui interrogamo-nos e tomamos iniciativas para saber como aumentar a riqueza produzida no país e na região, batalha que o discurso imediatista parece querer iludir ou considerar mesmo perdida.

O grande pensador espanhol Ortega y Gasset dizia, em meados do século passado, de maneira peremptória: “España es el problema y Europa la solución”. E foi. Estranho seria começarmos a acreditar que essa profecia não era extensível a Portugal, e que Portugal não tinha solução nenhuma.

A batalha do desenvolvimento não está perdida nem em Portugal nem na Região Norte. Nenhum “handicap” antropológico, nenhuma fatalidade histórica ou geográfica nos trava ou impede de fazermos o mesmo que os espanhóis ou os nossos vizinhos da Galiza fizeram.

A jornada que aqui nos reúne é uma boa ilustração da nossa capacidade de reagir à adversidade e de darmos os passos que se impõem para mudar o panorama da economia nacional e regional.

Vencemos hoje uma etapa decisiva para a constituição de um Pólo de Competitividade e Tecnologia das Indústrias da Moda – expressão esta que reúne sob a mesma etiqueta três sectores industriais fortemente implantados na Região Norte os quais têm sido e continuam a ser grandes sustentáculos da vida económica e social regional, sendo responsáveis por uma generosa parcela das exportações nacionais.

O Grupo de Alto Nível “Têxtil e Vestuário”, criado pela Comissão Europeia, esboçou, em finais de 2006, um cenário prospectivo deste sector para o horizonte de 2020. O referido grupo recomenda ao sector têxtil e vestuário europeu que racionalize as suas estruturas e se torne mais cooperativo, aumentando ao mesmo tempo a sua competitividade. O quadro esboçado pelo Grupo de Alto Nível que retoma os princípios da política industrial estabelecidos pela Comissão Europeia na sua Comunicação de

Outubro de 2005, formula ainda várias recomendações, entre as quais a de que é necessário apoiar prioritariamente actividades de investigação e inovação no sector, identificar projectos – âncora potencias, bem como, questão essencial, passar de uma produção de massa a produtos especializados e acelerar os esforços para qualificar a mão-de-obra.

As instituições europeias tomaram assim, embora tardiamente, consciência que a indústria têxtil e do vestuário não está condenada à morte. De facto, seria trágico para a Europa considerar que a indústria em que inaugurou a revolução industrial no século XVIII, deixou de ter lugar no espaço europeu.

Por sua vez, o Governo português, no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007-2013, lançou uma iniciativa conducente á criação de Pólos de Competitividade e Tecnologia, a qual desembocou na elaboração e aprovação de um regulamento “Estratégias de Eficiência Colectiva” que estabelece a moldura jurídica daqueles pólos e, assim, uma via para acesso a fundos comunitários.

A Região Norte não esteve desatenta ou adormecida. Por iniciativa da CCDR-N já se vinha fazendo um trabalho de fundo de análise, diagnóstico, debate e aprofundamento entre empresas, universidades, laboratórios e personalidades que culminou na criação do Pólo de Competitividade e Tecnologia centrado nas actividades e ciências da saúde. Esta foi uma das respostas a uma questão vital para a Região Norte e que pode ser formulada assim: que actividades terão condições para emergir e prosperar em Portugal e na Região Norte num horizonte temporal de dez a quinze anos? No vasto leque das indústrias da saúde, desde a alimentar, à farmacêutica, às biotecnologias e às nanotecnologias e aos cuidados de saúde abre-se um espaço de produção de riqueza e emprego imensos para as próximas décadas.

Hoje, repito, estamos a consagrar a organização de outro pólo de competitividade e tecnologia, este nas indústrias da moda.

Trata-se, como é óbvio, de dois pólos muito diferentes: o da saúde, que estava incipientemente organizado, reuniu e agregou pouco a pouco a nível nacional praticamente tudo o que há de mais excelente; o da moda, insere-se em sectores com milhares de empresas, organizadas em associações sectoriais, algumas muito fortes e prestigiadas, dotadas de estratégias e de programas de acção para os respectivos sectores, bem como centros tecnológicos e outras instituições de suporte.

Mas a melhor prova de dinamismo dos sectores envolvidos no projecto do pólo da moda espelhou-se na relativa facilidade com que o projecto se realizou, ao ponto de hoje aqui estarmos reunidos, não para

uma discussão metafísica, sobre se o pólo se constitui ou não, mas para dar conta do caminho percorrido e dos próximos passos a dar.

A Região Norte consagra-se, assim, pioneira na criação de pólos de competitividade. E que pólos de competitividade! De abrangência nacional, de vocação claramente internacional, apostando no potencial científico da região e do país, no empresário inovador, na qualificação dos recursos humanos – eis a sua postura inicial.

O Pólo de Competitividade da Moda recusa a designação algo depreciativa de “sectores tradicionais”, na aceção de sectores de mão-de-obra barata e produtos de baixa qualidade. Ele constitui-se para potenciar o que de mais prometededor tem surgido nos últimos anos: incorporação de conhecimento, recurso à investigação, novos materiais e novos produtos (têxteis técnicos, por exemplo), “design”, estética, criatividade, marcas.

É nesta lógica que os fundos estruturais deverão ser aplicados, prioritariamente, para que não se repita o panorama do passado. Só assim a antevisão de Ortega y Gasset chegará às praias lusitanas nos próximos tempos.

Muito obrigado